



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 18/05/18

BRASIL	2
Cepea: Mayor oferta presiona los precios del ganado	2
Anuncian una misión sanitaria de CHINA	2
Sería en junio – 84 establecimientos están pendientes de aprobación	2
Confían en diversificar las exportaciones hacia China	3
RUSIA podría rehabilitar a BRASIL en breve	3
TURQUIA: compraría carne y ganado en pie a Brasil	4
UNIÓN EUROPEA delistó 12 plantas de la empresa BRF	4
URUGUAY	5
El mercado de haciendas procura encontrar un punto de equilibrio	5
Ingresos por exportaciones de carnes crecieron 16%	5
Conflictos internos dividen a la FOICA y un sector no adhiere al paro de 24 hs	5
China habilita ingreso de arándanos y ganados para engorde y faena	6
SIAL CHINA	6
Uruguay pone todo su peso inter institucional en Sial China	6
INAC acuerda en China asesoramiento para sector cárnico.....	7
INAC firma convenio con China para facilitar procesos	7
Stanham: “Hay que trabajar en posicionar a Uruguay en el consumidor chino”	8
Bife ancho, french rack y cogote bovino deleitan los paladares chinos	8
Comienza vacunación obligatoria de bovinos contra la aftosa	9
Se abrió consulta pública sobre los TLC que negocia el Mercosur	9
PARAGUAY	10
SENACSA sanciona a frigorífico tras constatar contrabando de carne	10
Frigorífico suspendido alega ser víctima de "plan orquestado"	10
Barrida de técnicos de Senacsa tras escándalo de Frigorífico Concepción	10
Prohíben temporalmente importación de carne.....	11
Vicepresidente de ARP vaticina graves consecuencias por caso de carne ilegal	11
UNIÓN EUROPEA	12
Comisión Europea planteó recortar subsidios agrícolas	12
Comisionado Hogan preside misión a CHINA.....	12
Promueven el modelo de producción de la industria cárnica europea en CHINA.....	12
Esperan que se amplíe el número de países miembros habilitados para proveer carne bovina.....	13
Tres plantas irlandesas de vacuno obtienen acceso al mercado chino	13
China es importante para IRLANDA considerando el BREXIT	14
ESTADOS UNIDOS	14
USDA modificó la proyección sobre producción de carne bovina en 2018	14
Dificultades en la demanda de carnes	15
AUSTRALIA	15
Existencias de bovinos en feed lots superan el millón de cabezas.....	15
Fuerte crecimiento en los embarques hacia el SE de Asia	15
VARIOS	16
CHILE apunta a una reconversión de su sector vacuno	16
NUEVA ZELANDA – Reto ante una mayor competencia por parte de Estados Unidos.....	16
Beef + Lamb NZ lanzó una nueva estrategia de cuidado de medio ambiente	18
EMPRESARIAS	19
JBS aumentan sus ganancias en el primer trimestre.....	19
Marfrig registró un primer trimestre atípico – Adquisición de Keystone.....	19
Tesco lanzó carne “vegetal” en 400 de sus sucursales del REINO UNIDO	20
Minerva enfrenta embargo de IRAN.....	20
Grupo Marfrig recibió a clientes asiáticos en la Marfrig Beef Night en China	21
Frigol incrementó sus embarques a CHINA gracias a las inversiones realizadas.....	21



BRASIL

Cepea: Mayor oferta presiona los precios del ganado

18/05/18 - por Equipe BeefPoint A primeira quinzena de maio termina marcada por operadores recuados e intensificação da queda nos preços do boi gordo. Segundo colaboradores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP), o aumento da oferta de animais, proporcionado pelas condições dos pastos, que vão sendo desfavorecidas pela proximidade da seca, gerou à indústria o alongamento das escalas de abate e a conseqüente diminuição da demanda.

A retração de compradores foi preponderante para os lotes que visavam abastecer o mercado doméstico. Até o dia 15, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa do boi gordo acumulou baixa de 1,42%, fechando em R\$ 138,50 na última terça, 15.

Anuncian una misión sanitaria de CHINA

15 de maio de 2018 - Ministro Blairo Maggi disse que vistoria ocorrerá até junho; 84 unidades estão esperando liberação e expectativa é que China habilite boa parte

Foto:Divulgação/Mapa Ampliar foto Missão técnica chinesa vem ao BR avaliar frigoríficos Maggi se reuniu com ministro do Comércio da China

O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, relatou nesta terça-feira, 15, que uma missão técnica do governo chinês visitará o Brasil entre maio e junho para avaliar frigoríficos. "Recebemos a confirmação de que uma missão técnica vai ao Brasil para uma vistoria com especialistas veterinários e, se tudo estiver correto, teremos a liberação de dezenas de novos frigoríficos para o país", informou Maggi, que está em visita oficial à China. "Nosso pleito é liberar 84 novos frigoríficos."

O ministro contou que ele e o ministro das Relações Exteriores, Aloysio Nunes Ferreira, tiveram reuniões hoje no ministério do Comércio da China. No encontro "falamos sobre dificuldades que vivemos entre nossos países na área do comércio". Segundo Maggi, as conversas devem ser aceleradas com o apoio da embaixada brasileira em Pequim.

"Reclamamos deles, mas também reclamam do Brasil. Atualmente temos 102 processos contra a China contestando práticas comerciais e eles também têm contra nós", informou o ministro. "Isso demonstra que o protecionismo atrapalha o comércio e, por isso, sou defensor do livre comércio. Mas temos muitas coisas em comum e vamos nos concentrar nelas, pois não podemos permitir que nossas divergências atrapalhem aquilo que já acordamos", conclui, sem dar mais detalhes.

Maggi anuncia vinda de missão chinesa no final deste mês

Fonte: Mapa.16/05/18 - por Equipe BeefPoint

Em Pequim, durante reunião com o ministro do Comércio da China, Zhong Shan, o ministro Blairo Maggi recebeu a confirmação de que até o final deste mês chegará ao Brasil uma missão técnica com especialistas veterinários para vistoriar novos frigoríficos.

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) apresentou uma lista com 84 novos estabelecimentos a serem vistoriados pelos chineses. A expectativa é de que o país asiático libere boa parte desses frigoríficos para exportar.

O chanceler brasileiro Aloysio Nunes Ferreira também participou da reunião com o ministro do Comércio da China, onde foram tratadas as dificuldades nas relações comerciais entre os dois países. "Vamos acelerar conversas por meio de nossa embaixada em Pequim", afirmou Maggi.

O Brasil possui atualmente 102 processos contra a China em tramitação junto à OMC (Organização Mundial do Comércio), em que algumas práticas comerciais são contestadas. No entanto, o ministro Blairo Maggi disse que muitas questões poderão ser resolvidas, uma vez que os dois países possuem muitas coisas em comum.

Na visão do ministro Blairo Maggi, os processos junto à OMC demonstram que ainda é muito forte o protecionismo existente em vários países. Para Maggi, esse tipo de atitude (protecionismo) por parte dos governos só atrapalha o livre comércio entre os países.

Blairo Maggi e a Core Delegation – comitiva formada por empresários e entidades representantes do agronegócio brasileiro – se reuniram ainda com diretores da Cofco Internacional, trading chinesa de grãos.

Sería en junio – 84 establecimientos están pendientes de aprobación

18/05/18 - por Equipe BeefPoint A visita de uma missão da China ao Brasil deve resultar na habilitação de um número expressivo de frigoríficos para exportar para o país. A avaliação é da Associação Brasileira de Angus, entidade que integra a delegação do Brasil na Sial China, feira internacional de alimentos realizada em Shangai.



“Essa missão é um sinal visível do interesse da China em ampliar as aquisições de carne do Brasil”, disse, em nota, o gerente do programa Carne Angus, Fabio Medeiros, que está na China, integrando a delegação brasileira na China.

Nesta semana, representantes dos governos brasileiro e chinês se reuniram para discutir o comércio bilateral. O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, informou ter pedido a habilitação de pelo menos 84 plantas frigoríficas. E recebeu a informação de que uma missão chinesa irá inspecionar as unidades em território brasileiro, com previsão de vir ainda neste mês.

Enquanto os técnicos não viajam ao Brasil, representantes da indústria de carne bovina buscam promover o produto na China. Na Sial, foi realizado, nesta quinta-feira (17/5) um churrasco tipicamente brasileiro, também com participação do ministro Blairo Maggi, promovido pela Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Bovina (Abiec).

Segundo a Associação Brasileira de Angus, uma das entidades representadas na Sial, a carne brasileira atraiu visitantes brasileiros e estrangeiros. Fábio Medeiros, avalia que isso mostra o potencial da carne de alta qualidade no mercado chinês.

A Sial China termina nesta sexta-feira (18/5). Reúne mais de 3 mil expositores de pelo menos 21 segmentos da alimentação de 67 países. A expectativa é que cerca de 110 mil pessoas visitem o evento. Através do Brazilian Beef, iniciativa de divulgação da carne bovina feita em parceria da Abiec e da Agência Brasileira de Promoção das Exportações (Apex-Brasil), 17 empresas do setor estão representadas no evento. Segundo a Apex, essa participação acontece em um momento de expectativa de aumento nos negócios com a China que, nos últimos anos, tem sido um importante destino para a carne bovina nacional.

Em 2017 os embarques somaram 214 mil toneladas e fecharam em US\$ 939 milhões, crescimento de 28% e 33%, respectivamente, em relação a 2016. Com isso a China já representa o segundo principal mercado para o Brasil, com 14% do volume e 15% do faturamento do setor, conforme divulgado pela Apex.

Confian en diversificar las exportaciones hacia China

Publicado: 16/05/2018 Em reunião com representantes da Administração Geral da Aduana chinesa, Ministro anuncia a entrada de vários produtos na pauta

Em Pequim, o ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Blairo Maggi, reuniu-se com integrantes da Administração Geral da Supervisão da Qualidade, Inspeção e Quarentena (antiga AQSIQ). No encontro, o ministro recebeu de Zou Zhiwu, vice-ministro da Administração Geral da Aduana da China, a garantia de que será cumprido o compromisso de avançarem nas negociações entre os dois países na Subcomissão de Inspeção e Quarentena chinesa. Há dois anos, Brasil e China paralisaram as reuniões nesta subcomissão, que aprova as condições sanitárias e fitossanitárias para o comércio de produtos agropecuários com a China.

“Esse é o começo de um novo tempo nas nossas relações comerciais”, comemorou o ministro.

Entre as questões que o Brasil levará para serem tratadas na subcomissão, ainda este ano, estão as exportações de miúdos de suínos e de bovinos, de carnes com osso e carnes termicamente processadas. “Isto só está sendo possível”, destacou Maggi, “porque estamos recebendo o certificado de país livre da febre aftosa pela OIE (Organização Mundial de Saúde Animal).”

O Brasil aguarda para o próximo dia 21 a chegada de uma missão veterinária chinesa para inspecionar plantas frigoríficas de aves, carne bovina e de asininos (jumentos).

O ministro lembrou ainda que também deverão ser incluídas nas tratativas comerciais a exportação e a importação de frutas. A China pretende importar arroz, lácteos, farinhas para ração animal e ovos férteis, e exportar pescados para o Brasil. “Estamos avançando na diversificação da nossa pauta de exportações”, disse Maggi.

A China é o maior mercado para os produtos agropecuários brasileiros, consumindo 39% do total de nossas exportações. Em 2017, os embarques somaram US\$ 26 bilhões, com liderança da soja em grão (US\$ 20,3 bilhões), e celulose (US\$ 2,6 bilhões). As importações de produtos chineses no mesmo período atingiram US\$ 1,1 bilhão, principalmente de algodão e produtos têxteis de algodão (US\$ 288,2 milhões).

RUSIA podría rehabilitar a BRASIL en breve

17 de maio de 2018 - Todos os esclarecimentos já foram dados ao país e expectativa é de uma reabertura em breve; país suspendeu importações em novembro

A retomada das importações de carnes bovina e suína pela Rússia pode acontecer nas próximas semanas, diz Luís Rangel, secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). “A expectativa era que fosse nessa semana ou na próxima, mas era uma expectativa, depende muito deles. E ainda tem um componente político, com nomeação de ministro essa semana lá, mas a perspectiva é boa”.



A Rússia suspendeu as compras em novembro de 2017 alegando detecção de ractopamina (promotor de crescimento autorizado para suínos no Brasil, mas proibido na Rússia). Em encontro com membros do Serviço Federal de Supervisão Veterinária e Fitossanitária da Rússia (Rosselkhoznadzor) há algumas semanas, Rangel diz que todas as argumentações foram apresentadas, inclusive de que a substância é proibida para bovinos no país. “Esclarecemos tudo, apresentamos documentos e agora aguardamos ansiosos pela retomada”.

Estados Unidos - Uma missão técnica brasileira foi aos Estados Unidos na semana passada para debater o que o país ainda precisa, em termos de informação, sobre a carne processada do Brasil. “A negociação foi ótima, mas falta a entrega de alguns documentos formais. Esclarecemos 95%, porém faltam 5% de algumas comprovações que foram ditas lá, mas precisam ser entregues. Isso deve acontecer essa semana”, explica Rangel. Segundo ele, isso deve facilitar as conversas para reabertura de proteína bovina in natura.

Em relação à carne fresca, o secretário diz que as medidas já tomadas, como a alteração na composição da vacina (com a retirada da saponina para 2019), e no toailete, com o retalho do processo, em tese já são suficientes. “Mas existe uma percepção do FSIS [Serviço de Inspeção e Segurança Alimentar dos EUA] de trabalhar as carnes in natura e processada em conjunto, então estamos oferecendo todos os argumentos”. Depois de todos os documentos entregues, os ministros da Agricultura dos dois países devem se reunir para finalizar as negociações.

TURQUIA: compraria carne y ganado en pie a Brasil

Publicado: 12/05/2018 Se o governo atual se mantiver no poder, após as eleições de junho naquele país, o ministro turco virá confirmar a compra pessoalmente no Brasil, segundo o ministro, que segue viagem para a China e a França

De passagem pela Turquia, o ministro Blairo Maggi (Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA), que seguirá ainda para a China e França, ouviu do ministro da Agricultura da Turquia, Ahmet Fakibaba, que se o governo atual for reeleito nas eleições de 24 de junho “ele irá pessoalmente ao Brasil anunciar compra de carne bovina congelada e bois vivos”. O ministro lembrou que hoje já são exportados em torno de 200.000 animais ano.

Acompanhado de representantes de entidades empresariais do agronegócio, Maggi, na China, além de reuniões com autoridades do governo, visitará a feira de alimentos SIAL, incluindo o pavilhão brasileiro.

Em Paris, Blairo Maggi, irá à 7ª Sessão Plenária da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), quando o Brasil deverá receber Certificação Sanitária com o novo status de livre da febre aftosa com vacinação.

Além de encontrar-se com autoridades do governo francês e de outros países participantes, o ministro estará presente no lançamento da Plataforma de Rastreabilidade “Agri Trace CNA Brazil”.

UNIÓN EUROPEA delistó 12 plantas de la empresa BRF

Fonte: Estadão Conteúdo 15 de maio de 2018 - Decisão foi tomada como um desdobramento da Operação Carne Fraca, em março do ano passado

A BRF informou na noite desta segunda-feira, 14, que 12 unidades da empresa no Brasil foram proibidas de exportar produtos de origem animal para a União Europeia (UE). Em comunicado, a BRF ressalta que concluirá estudos e avaliações, que já estão em andamento, para o "planejamento de sua produção a fim de buscar as melhores alternativas para reequilibrar o nível de oferta de seus produtos frente ao cenário de demanda que se apresenta".

A medida da UE entrará em vigor nesta quarta-feira, 16, e sua publicação pelas autoridades sanitárias brasileiras ainda está pendente, ressalta o comunicado da BRF.

A União Europeia publicou nesta segunda-feira, 14, a decisão de proibir importações de produtos de origem animal de 20 unidades no Brasil que antes eram autorizadas a exportar para os países europeus. A decisão da UE foi tomada como um desdobramento da Operação Carne Fraca da Polícia Federal.

A BRF ressalta que a decisão da UE atinge somente as unidades localizadas no Brasil e que possuem habilitação para exportação para a União Europeia. Assim, não afeta o fornecimento para outros mercados ou ainda, das demais plantas da BRF localizadas fora do Brasil e que exportam para o mercado europeu.

A empresa também reiterou, em nota, que pretende fazer valer seus direitos perante os órgãos europeus competentes para continuar a atender seus clientes na União Europeia a partir de suas instalações no Brasil.

No comunicado, disse não concordar com a decisão, que "parece ter sido motivada pela proteção do mercado local e não por questões de saúde e qualidade, conforme recentemente anunciado pelo Ministério da Agricultura". A empresa diz, ainda, apoiar as ações do governo brasileiro perante a Organização Mundial do Comércio (OMC).



URUGUAY

El mercado de haciendas procura encontrar un punto de equilibrio

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Mayo 18, 2018 Por novillos de punta se concretan negocios en US\$ 3,45 por kilo de carcasa, pudiendo alcanzar los US\$ 3,50

El mercado del ganado gordo sigue subiendo, aunque en menores proporciones que en las semanas anteriores. El próximo mes aparecerán los ganados de verdeos, lo que empezará a estabilizar el mercado. Los precios podrían tender a equilibrarse y una vez finalizadas las faenas kosher es probable que los mismos no se sostengan en los niveles actuales.

La oferta de ganados de pasturas sigue escasa –especialmente de ganados bien terminados– y la demanda está ávida en todas las categorías. Los operadores mencionan una alta proporción de novillos de corral en la oferta.

Por novillos de punta se concretan negocios en US\$ 3,45 por kilo carcasa, pudiendo alcanzar los US\$ 3,50 en lotes voluminosos, pero los volúmenes más importantes de faena son de ganados de calidad regular, que van de US\$ 3,25 a US\$ 3,35 dependiendo del grado de terminación. Las entradas a planta son cortas, entre cuatro y siete días.

Por vacas especiales y pesadas, los negocios se hacen entre US\$ 3,20 y US\$ 3,25 por kilo, pero la mayoría se dan en el entorno de los US\$ 3,10 a US\$ 3,15. La vaquillona, muy demandada y con una oferta muy escasa, alcanza los US\$ 3,30 por kilo.

En la región, el precio del novillo gordo de Uruguay se consolida como el más alto. En Brasil cayó ocho centavos en la última semana, pasó de US\$ 2,60 a US\$ 2,52 por kilo, abriendo una brecha de 36% con el uruguayo. Es el precio más bajo desde julio de 2017 con el escándalo de Carne Débil y el más bajo en la región.

La firmeza en el mercado de la hacienda gorda se traslada a la reposición. En el remate del 15 de mayo de Lote 21 se vio un aumento de precios en todas las categorías. La más destacada es la de vacas de invernada, que promedió 12% más que el remate anterior, alcanzando los US\$ 1,28 por kilo con máximo de US\$ 1,41. Los terneros livianos promediaron US\$ 2,42 (6% por encima que el promedio del remate pasado), con un máximo de US\$ 2,60.

La faena vacuna se ubicó por encima de las 40.000 cabezas

En la semana cerrada el 12 de mayo la faena totalizó 42.901 cabezas, 45% por encima de las 29.662 de la semana anterior, pero 17% por debajo de las 51.665 del mismo período del año anterior.

Precio de exportación se supera semana a semana

En la semana cerrada el 12 de mayo el precio de exportación de la carne vacuna promedió US\$ 3.747 la tonelada, 6% por encima a los US\$ 3.546 de la semana anterior. En lo que va del año se afirma en US\$ 3.518, 4% arriba del promedio en el mismo período del año pasado (US\$ 3.380).

El volumen colocado acumulado al 5 de mayo es de 177.666 toneladas, 9,5% superior a las 162.260 toneladas colocadas en el mismo período del 2017. El volumen semanal exportado sin embargo fue el más bajo del año, 5.606 toneladas peso canal.

Ingresos por exportaciones de carnes crecieron 16%

Mayo 12, 2018 Durante el cuatrimestre inicial de 2018 las colocaciones alcanzaron los US\$ 623,9 millones Considerando el total de las exportaciones del sector cárnico nacional, en lo que va de 2018 (del 1° de enero al 5 de mayo) ingresaron al país US\$ 722,6 millones, lo que significa un 16% más en relación al ingreso logrado a esta altura del año pasado (US\$ 623,9 millones), según datos aportados este viernes a El Observador por técnicos del Instituto Nacional de Carnesundefined(INAC).

Carnes de bovino

En el caso de la carne bovina, las exportaciones aumentaron 15% si se mide en dólares y crecieron 11% medido en volumen (considerando en ese caso el peso canal).

Se dirigieron al exterior 118.341 toneladas (peso embarque) e ingresaron US\$ 595,9 millones.

Este año el precio promedio de la tonelada de carne vacuna exportada (169.38 toneladas peso canal) se ubica en US\$ 3.518, por encima de los US\$ 3.383 del año pasado a esta altura.

Conflictos internos dividen a la FOICA y un sector no adhiere al paro de 24 hs

17/05/2018 - 11: FOICA Ciudad Vieja emitió un comunicado donde “no promueve ni acompaña” a las medidas previstas para hoy.

Ayer, previo al paro de 24 horas anunciado por la Federación de Obreros de la Industria de la Carnes y Afines (FOICA) a realizar hoy, un sector de la gremial de trabajadores confirmó que “no promueve ni acompaña” a las movilizaciones convocadas por el otro grupo.

FOICA Ciudad Vieja, liderado por el secretario general, Luis Muñoz, es el grupo que no está a favor del paro comunicado para esta jornada, debido a que FOICA Cerro, que encabeza el presidente de la gremial,



Ariel Yakes, no realizó los procedimientos correctos para promover el reintegro del operario expulsado del Frigorífico Municipal de Salto.

El sector de Ciudad Vieja expresa que sí adhirió al paro del miércoles 2 de mayo “en pos de no tener diferencias entre los trabajadores”, por tanto “decidimos llamar a todos nuestros afiliados a acompañar esa medida, no para apoyar a este dirigente despedido, sino en el contexto de tratar de que no se desarme la organización sindical en Somicar”, expresa el comunicado.

China habilita ingreso de arándanos y ganados para engorde y faena

Mayo 11, 2018 Esas categorías ganaderas se suman a los envíos que ya se realizan de animales para reproducción

China habilitó el ingreso de ganados en pie para engorde o faena y de arándanos, según los respectivos protocolos suscritos este viernes 11 entre las autoridades chinas y uruguayas, destacó desde Beijing, el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), Enzo Benech.

El ministro que se encuentra en misión oficial junto a autoridades de la cartera ministerial, destacó el papel de la Dirección de Aduana de ese país, que es una repartición nueva, que asume la responsabilidad sanitaria del país asiático y que "en 20 días, sacó la resolución para la habilitación y nos estaba esperando para firmarla", resaltó a la web de presidencia.

Además informó que existe un acuerdo de trabajo con la Dirección Forestal, a través de un comité consultivo que reúne a técnicos para evaluar la cooperación entre países. Agregó que, en julio de este año, arribarán autoridades chinas a nuestro país para incrementar las posibilidades de colaboración.

Finalmente, adelantó que la gira prosigue con una visita a la exposición de alimentos y bebidas Sial China, que se desarrollará entre el 16 y 18 de mayo, en la ciudad de Shanghai.

También anunció la visita a Shanghai, a la feria Sial China 2018, donde será representada la industria cárnica nacional en el stand del Instituto Nacional de Carnes (INAC). Luego estará en Guangzhou, lugar en que empresarios citrícolas participarán en una importante feria del sector. Finalmente, mantendrá una entrevista con el ministro de Ganadería de China.

SIAL CHINA

Uruguay pone todo su peso inter institucional en Sial China

16/05/2018 - Este año el Stand de INAC en Sial China tiene 512 metros cuadrados para la presentación de la carnes uruguayas, para recibir a compradores profesionales y público del rubro alimenticio: supermercados, agencias comerciales, vendedores mayoristas, importadores y exportadores, vendedores minoristas, distribuidores, fabricantes, etc. La delegación de INAC en este mega evento, del que viene participando desde el año 2004, está integrada por el Presidente de INAC, Federico Stanham, los delegados por productores e industriales, Ricardo Reilly y Carlos Pagés, respectivamente y el equipo de Marketing del Instituto. Cerca de 25 empresas entre exportadores y brokers uruguayos estarán tomando contacto con sus clientes.

Cerró la primera jornada de la feria de alimentos Sial China 2018, la más importante para el complejo cárnico uruguayo. La misma contó con la participación de autoridades del país, entre ellas el ministro de Ganadería Enzo Benech, representantes del Instituto Nacional de Carnes (INAC), empresarios de la industria frigorífica, brokers, entre otros.

Ricardo Reilly, integrante de la Junta de INAC por la Asociación Rural del Uruguay (ARU), dijo a Rurales El País desde Shanghai que antes de realizar un análisis del mercado es necesario tener en cuenta que China representa un “continente” con gente que “vive de formas diferentes y tiene gustos y posibilidades de acceso a respectos alimentos, también diferentes”.

Con una población que supera los 1.300 millones de habitantes, China significa el principal mercado para Uruguay y éste ha logrado posicionarse como el segundo proveedor de carne vacuna del país asiático, después de Brasil.

Reilly entiende que la primera ventaja de nuestro país en China, es que se trata de un mercado en el cual “no hay cuotas establecidas”, como sí sucede con Estados Unidos y la Unión Europea. Y además cuenta con un arancel del 12%, que es “relativamente bajo” frente a otros destinos. Sin embargo, aseguró que ésto “no quiere decir que no hay que avanzar hacia un acuerdo comercial, algo que tanto le cuesta a Uruguay, para que nos resguarde ante cualquier cambio inesperado de reglas de juego”.

Otra oportunidad es la demanda por todo tipo de cortes. “Comen todas las partes del animal. Es un mercado que está competitivo en precio y la carne que ingresa por el canal gris viene disminuyendo en proporción al canal legal, algo que favorece a Uruguay”, contó el representante de los productores.

También señaló la mayor preocupación por la inocuidad del producto, no tanto del lado del consumidor, sino a nivel de gobierno. “Hay cierto temor al fraude, a una posible contaminación o intoxicación, por lo que cada vez son más frecuentes los controles oficiales a todo nivel. Obviamente que estamos hablando de los países como Uruguay que no ingresan su carne de contrabando”, agregó Reilly.



Apoyo. El Instituto Nacional de Carnes firmó un convenio, junto a los ministerios de Relaciones Exteriores y Ganadería, Agricultura y Pesca; por el cual se sumarán dos funcionarios chinos, bilingües, en apoyo al agregado agrícola uruguayo en China, con el objetivo de facilitar aspectos comerciales. “Es una herramienta que nos permite jugar de otra forma en el mercado, un trabajo similar al que están realizando hace 20 años países como Australia y Nueva Zelanda”, señaló Reilly.

Consumidor. Uruguay está desarrollando, a través del INAC, un estudio que busca investigar tanto las preferencias de los consumidores chinos, así como el conocimiento que existe de las carnes uruguayas en el país asiático. Ricardo Reilly dijo que en base a los resultados se prevé “trazar una estrategia de marketing para posicionar el producto en los consumidores”. Y agregó: “Para valorizar la marca de la carne es necesario fortalecer la relación con el consumidor para que en definitiva nos pague más por el producto. Es el objetivo final”.

INAC acuerda en China asesoramiento para sector cárnico

Mayo 16, 2018 Facilitará información a exportadores sobre aspectos normativos del comercio

El Instituto Nacional de Carnes (INAC) suscribió un acuerdo con la Asociación de Inspectores de Alimentos de China (CIQA), por el cual se establecen acciones de asesoramiento, consulta e información para el intercambio comercial de carne.

"China sabe que necesita importar muchísimos alimentos, necesita fluidez en el acceso a la mercadería, para que sea conveniente a todas las partes, acompañada por un mejoramiento en calidad y seguridad", destacó el presidente de INAC, Federico Stanham, quién suscribió el documento en representación de Uruguay, informó la web de Presidencia.

La asociación promueve acuerdos con organizaciones de países, "de manera de intercambiar información, hacer talleres y seminarios y citar a exportadores para instruir sobre cómo se debe trabajar y cumplir normas", explicó Stanham.

"Que pase rápido —en el contralor sanitario de China— no quiere decir que pase cualquier cosa. Es un memorando que se viene trabajando desde hace un año y abarca a toda la carne bovina, ovina o aviar que exportamos a ese mercado", sostuvo el titular de INAC.

El acuerdo permitirá alcanzar una mayor eficiencia en la cadena de distribución. "Directamente, no va a influir en el valor de la carne, pero, en la medida en que facilita el proceso comercial, elimina rispideces en la relación comercial. Al existir menos desperdicios, impactará en mejora de costos", aseguró Stanham.

Previo a la firma, se realizó un taller sobre seguridad de los alimentos organizado por CIQA, dependencia que impulsa actividades de facilitación del comercio entre el país asiático y sus socios comerciales. Participaron representantes de empresas exportadoras uruguayas y del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, encabezados por el titular de esa dependencia, Enzo Benech; también asistieron autoridades del INAC.

También se informó que visitaron el puerto de Shanghái, por donde ingresa el 25 % de la carne adquirida por China. "Justo en ese momento se estaba realizando un proceso de inspección a un contenedor con un envío de carne uruguayo. Fue importante presenciar e intercambiar consultas al respecto", acotó el entrevistado.

INAC firma convenio con China para facilitar procesos

16/05/2018 - “Elimina rispideces” en la relación comercial, dijo su presidente

Uruguay firmó un memorando de entendimiento con China que agiliza el intercambio comercial de carne entre ambos países y establece acciones de asesoramiento, consulta e información sobre inocuidad alimentaria.

El acuerdo fue suscrito entre las autoridades del Instituto Nacional de Carnes de Uruguay (INAC) y la Asociación de Inspectores de Alimentos de China (CIQA).

“Es un paraguas de asesoramiento, consulta e información, puesto que, al estar mejor informados, menos errores cometemos, y eso repercute en una mejor eficiencia en la cadena de distribución” informó Federico Stanham, presidente del INAC.

Para el funcionario, este acuerdo no influirá directamente sobre el valor de la carne pero impactará en mejora de costos dado que “facilita el proceso comercial” y “elimina rispideces” en la relación comercial entre China y Uruguay.

Previo a la firma, representantes del INAC, el Ministerio de Ganadería de Uruguay y de varias empresas exportadoras participaron de un taller organizado por la CIQA sobre seguridad de los alimentos.

“La Asociación (CIQA) promueve acuerdos con organizaciones de países, de manera de intercambiar información, hacer talleres y seminarios y citar a exportadores para instruir sobre cómo se debe trabajar y cumplir normas”, explicó Stanham.

La delegación de INAC participa de la feria SIAL_China. Además de Stanham, la integran los delegados por productores e industriales, Ricardo Reilly y Carlos Pagés, respectivamente y el equipo de marketing. Reilly dijo a Rurales El País desde Shangai que la primera ventaja de nuestro país en China, es que se



trata de un mercado en el cual “no hay cuotas establecidas”, como sí sucede con Estados Unidos y la Unión Europea. Y además cuenta con un arancel del 12%, que es “relativamente bajo” frente a otros destinos.

Sin embargo, aseguró que esto “no quiere decir que no hay que avanzar hacia un acuerdo comercial, algo que tanto le cuesta a Uruguay, para que nos resguarde ante cualquier cambio inesperado de reglas de juego”.

Otra oportunidad es la demanda por todo tipo de cortes. “Comen todas las partes del animal. Es un mercado que está competitivo en precio y la carne que ingresa por el canal gris viene disminuyendo en proporción al canal legal, algo que favorece a Uruguay”, contó Reilly. [CON INFORMACIÓN DE EFE]

Stanham: “Hay que trabajar en posicionar a Uruguay en el consumidor chino”

14/05/2018 El miércoles inicia Sial China 2018 con una destaca participación de autoridades y empresarios uruguayos.

El miércoles comienza la feria de alimentos Sial China 2018 y despierta muchas expectativas sobre el futuro a mediano y largo plazo de la comercialización de carne vacuna. El presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham, aseguró a Rurales El País que “China es el principal mercado para Uruguay y está fuerte en su demanda”.

Las estadísticas de exportación del INAC “demuestran que en el primer cuatrimestre del año han aumentado las ventas a China: hay demanda, se vende toda la producción y a valores sostenidos. Es un escenario interesante”, explicó el representante uruguayo.

Stanham dijo que desde hace dos años el INAC decidió iniciar un estudio, con empresas especializadas locales, con el objetivo de “conocer el comportamiento del consumidor y su percepción de la carne uruguaya (...) Hay que trabajar en posicionar a Uruguay en el consumidor chino”.

Más allá del conocimiento y respeto del Gobierno, mayoristas e importadores chinos por el producto nacional, el presidente de INAC entiende que “el consumidor asiático conoce muy poco del país y su carne”. Por tanto, “hay un desafío enorme por delante que venimos encarando desde hace unos cuantos meses”.

Los principales referentes y con un nombre fuerte en los consumidores chinos son Australia y los Estados Unidos. “Tienen un gran reconocimiento que se han ganado en base a mucha inversión y varios años de consolidación”, señaló Stanham. En el caso de los proveedores del Mercosur (Argentina, Brasil y Uruguay), ninguno de los tres son conocido por su carne, dijo.

Mercado. En los primeros cuatro meses del año China representó el 47% del volumen de carne vacuna exportado por Uruguay. Hasta el 30 de abril importó 76.785 toneladas peso canal, unas 8.805 toneladas más versus los mismos meses del año pasado. Una facturación de US\$ 301,7 millones.

Bife ancho, french rack y cogote bovino deleitan los paladares chinos

Mayo 17, 2018 Intensa actividad cumple la delegación de INAC en la feria SIAL de Shanghai

El salón de la alimentación SIAL China 2018 que finaliza este viernes en Shanghai, China, ha registrado en sus dos primeras jornadas una intensa actividad, de visitas, contactos comerciales y eventos de promoción, en los que ha participado activamente la delegación uruguaya liderada por el Instituto Nacional de Carnes (INAC). En ese marco ha sobresalido en las degustaciones los cortes de bife ancho, french rack y cogote bovino.

La versión SIAL China se cumple en su edición número 18, feria en la cual participa INAC ininterrumpidamente desde el año 2014. Cuenta con aproximadamente 3.400 expositores provenientes de 67 países, cubriendo una superficie de 162.000 metros cuadrados.

El Stand de INAC de esta edición tiene 512 metros cuadrados, donde atienden sus clientes unas 15 plantas y 12 empresas de brokers y traders.

Tanto el primer día como el segundo, el stand tuvo un gran movimiento de visitantes durante toda la jornada. El Comisionado de la Unión Europea, Encargado del Desarrollo Agrícola y Rural, Phul Hogan, realizó una de las paradas seleccionadas del vip tour en el stand de carnes del Uruguay, señala un comunicado de INAC.

En el marco de la participación en la feria, se ofreció en el Hotel Grand Hyatt Shanghai, una recepción para 250 personas en la cual se ofrecieron carnes uruguayas y en donde las empresas frigoríficas agasajaron a sus clientes. Se degustaron tres tipos de corte (bife ancho, french rack y cogote bovino), con modalidad asiática y occidental.

La recepción fue inaugurada con las palabras de la ministra Consejera de la Embajada Uruguay en China Paola Repeto y el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca de Uruguay, Enzo Benech.

Este viernes será el último día de feria y se estima que el total de visitantes estará rondando las 110 mil personas.



Comienza vacunación obligatoria de bovinos contra la aftosa

14/05/2018 Todos los menores de dos años; prevén que alcance a seis millones.

Hoy comienza la campaña de vacunación obligatoria contra la fiebre aftosa para todos los bovinos menores de dos años, que se extenderá hasta el 15 de junio, tal como resolvió la Dirección General de Servicios Ganaderos.

Se trata de una instancia de suma importancia a nivel ganadero ya que la inmunidad de los bovinos asegura el mantenimiento del estado sanitario del rodeo nacional. Es que la aftosa es una enfermedad que puede destruir los logros comerciales y cerrar puertas de los destinos donde Uruguay coloca carne, animales vivos y subproductos de origen animal.

La vacuna será proporcionada por el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) en forma gratuita a cada productor contra la presentación de la declaración jurada de existencia de la División Contralor de Semovientes (Dicose) al 30 de junio de 2017, la planilla de control interno de existencias y la planilla de control sanitaria actualizada.

Según recoge una nota en la web de Presidencia, las autoridades prevén que en este período la cantidad de vacunas entregadas rondará las seis millones. En la campaña anterior que finalizó en mayo de 2017 se concedieron a los productores un total de 5.646.840 vacunas.

Desde el MGAP se promueve la vacunación subcutánea (entre la capa de grasa que se encuentra entre la piel y el músculo), con el fin de evitar abscesos (infección e inflamación del tejido) en los puntos de inyección, que generen pérdidas importantes por decomisos en la carne. El director general de los Servicios Ganaderos, Eduardo Barre, explicó meses atrás a El País que antes “se pedía que se hiciera una vacunación intramuscular” pero debido a los múltiples problemas con los abscesos que se registraron en la carne, se resolvió cambiar el criterio.

La resolución de la Dirección General de Servicios Ganaderos también estableció que no se autoriza el movimiento entre el 15 y el 31 de mayo de los animales inmunizados, y a partir del 1° de junio podrán moverse únicamente los que hayan sido vacunados por lo menos con 15 días de anticipación.

A su vez, los bovinos que tengan como destino la faena podrán moverse con el certificado de vacunación de los dos períodos anteriores, aunque a partir del 16 de junio deberán tener más de 15 días de inmunizados con la vacuna correspondiente a mayo-junio 2018.

Por otra parte, la disposición oficial desautoriza la realización de remates de feria o exposición en el período de vacunación, a excepción de los que se realizan por pantalla o virtuales en la segunda quincena de mayo.

La última epidemia de fiebre aftosa en la ganadería uruguaya fue en 2001, en un establecimiento de Soriano, presuntamente con virus ingresado desde Argentina, que también fue sacudida por la enfermedad.

A partir de ahí, Uruguay perdió su status de país libre de fiebre aftosa sin vacunación, que le permitía ingresar con cortes con hueso a selectos mercados como Japón. Solucionada la epidemia que abarcó 2.057 focos, Uruguay comenzó a reconquistar los mercados más exclusivos, esta vez para su carne madurada y sin hueso.

Sudamérica lleva más de una década sin casos de fiebre aftosa. Sin embargo, persisten incertidumbres que ponen en riesgo el cese de la vacunación, como el caso de Venezuela, desde donde el año pasado se provocó un foco en la ganadería colombiana.

Se abrió consulta pública sobre los TLC que negocia el Mercosur

Mayo 14, 2018 Los comentarios se reciben desde este lunes en una página web de la Cancillería

La Cámara de la Industria Frigorífica (CIF) invitó a que los interesados sobre los Tratados de Libre Comercio (TLC) que Uruguay y el Mercosur negocian con diferentes países y bloques comerciales a que envíen sus comentarios a la página web que desde este lunes y por 45 días habilitó el Ministerio de Relaciones Exteriores.

El tema hace referencia a que Uruguay y sus socios del Mercosur, se encuentra iniciando negociaciones para la posible concreción de algunos TLC, entre los que se destacan, además de Mercosur y la Unión Europea (UE), los referidos a Canadá-Mercosur; Corea del Sur – Mercosur: EFTA (Asociación Europea de Libre Comercio) - Mercosur y Singapur – Mercosur.

El presidente de la CIF, Daniel Belerati explicó a través de una nota enviada a El Observador que desde hace décadas el Gobierno de Estados Unidos viene instalando "sitios públicos" para recibir comentarios de la ciudadanía y posibles interesados, sobre medidas comerciales que se encuentran considerando implementar.

Recientemente la Unión Europea y Japón han adoptado idéntica medida, habilitando la recepción de comentarios de parte de los interesados que así lo deseen hacer.

En ningún caso los comentarios recibidos son vinculantes, pero, además de conocer puntos de vista novedosos y/o valiosos de la sociedad sobre el tópico en discusión, se propicia la amplificación del conocimiento técnico o popular contraponiendo diferentes visiones sobre el asunto, señala la CIF.



PARAGUAY

SENACSA sanciona a frigorífico tras constatar contrabando de carne

Frigorífico suspendido alega ser víctima de "plan orquestado"

15 de mayo de 2018 El Frigorífico Concepción está sufriendo las consecuencias de un plan orquestado por la Asociación Rural del Paraguay (ARP), gremios y algunos competidores que se resisten al libre mercado, según un comunicado de dicha industria.

"Esta campaña infamante busca manchar la brillante trayectoria de una empresa referente en la apertura de mercados internacionales, que a través de trabajo, respeto y esfuerzo se ha situado en un lugar preponderante dentro del circuito económico nacional y mundial como el mayor exportador de carne desde el Paraguay y el tercer mayor exportador paraguayo. Aquí no sólo se destruye la competencia de mercado, sino que se verán repercusiones económicas inmediatas", expresa uno de los puntos del manifiesto.

Agrega que los impulsores de dicha campaña buscan instituir un monopolio de la industria cárnica, a través incluso de la manipulación de órganos y funcionarios públicos, afectando de manera directa a más de 2.706 empleados de la industria, y de manera indirecta a más de 10.000 personas.

En el comunicado, la industria niega que alguno de sus operarios, dependientes o persona vinculada, haya proveído información o documentación falsa a las autoridades aduaneras durante el proceso de importación y denuncia cualquier acción que tenga por objeto atribuirles la producción o utilización de documentos no auténticos.

A su vez, dice que hasta el día viernes 4 del corriente mes no era requerida por la Aduana (Sistema Sofía) la obtención o presentación de Licencia Previa de Importación del Ministerio de Industria y Comercio para realizar el trámite de importación. "Recién en fecha 7 de mayo, posterior a todas las importaciones de la firma que la Aduanas ha circularizado la orden a las diferentes administraciones a fin de exigir dicho documento", alega.

Más adelante expresa que el citado frigorífico es uno de los principales motores económicos del país, integra la nómina de los mayores aportantes del IPS, la SET y tiene presencia en el circuito económico ingresando alrededor de US\$ 400.000.000 anuales al país, además tiene marcada presencia en el mercado bancario, financiero y bursátil del cual participa activamente.

Este frigorífico, que es el principal exportador de carne a Rusia, está suspendido para exportar debido a que el pasado 2 de mayo se decomisó en la zona de Concepción unas 180 toneladas de carne brasileña que había importado sin licencia sanitaria, según autoridades de Senacsa, que actuó ante la denuncia de la ARP.

Barrida de técnicos de Senacsa tras escándalo de Frigorífico Concepción

13 de mayo de 2018 | luego de la destrucción de carne, seguirán con sumario y auditoría

El Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) continuará con la auditoría e inspección a Frigorífico Concepción, y según los resultados, se prevé aplicar más sanciones si amerita, dijo ayer el presidente del organismo sanitario estatal, Hugo Idoyaga. Anunció cambio de funcionarios y de director de área. Los nuevos asumirán funciones el miércoles próximo.

El jueves último, entre la tarde y noche, los cargamentos de carne importada del Brasil sin la certificación sanitaria exigida por la legislación nacional fueron llevados a un predio de basura en Villa Hayes para su destrucción. La detección y posterior denuncia de que 180.000 kilos de carne vacuna fueron ingresados del Brasil a nuestro país sin la certificación sanitaria con destino a Frigorífico Concepción, la semana pasada, sacudió el ambiente de la producción y la industria cárnica local.

El presidente del Senacsa, Hugo Idoyaga, declaró ayer a este diario ante una consulta que las principales medidas legales ya fueron aplicadas, pero que continúa el sumario y la auditoría, y que también harán una inspección dentro de la empresa. "Resultado de eso, vamos a aplicar más sanciones si amerita el caso", indicó.

"Estuvimos viendo la posibilidad de que en el transcurso de la próxima semana (la que empieza), dependiendo de los hallazgos que podamos tener, hagamos nuevamente una verificación (de la planta frigorífica) in situ, con técnicos nuestros, quienes van a verificar documentos, stock, etc., y va a depender de qué es lo que se encuentre o no", puntualizó.

Recordó que Frigorífico Concepción sigue con prohibición de importar y exportar carne, pero que sus operarios podrán realizar operaciones internas, para consumo local.

Movida de técnicos

Idoyaga anunció, por otra parte, que en el transcurso de esta semana habrá movidas de funcionarios técnicos del Senacsa, que estaban encargados de verificar la planta frigorífica de la empresa afectada, pero que no detectaron (o no informaron) la importación ilegal de carne vacuna.



“(Otros) funcionarios tomarán posesión de cargo el miércoles (16 de mayo), en el propio establecimiento del frigorífico. También el miércoles será designado un nuevo director del área, que ese día estará presente en el lugar personalmente para verificar y ver qué medidas podrían pautar. Enviaremos al propio director para que chequee, verifique y tome las decisiones que amerita el caso, dependiendo de la situación que se pueda encontrar”, explicó el titular de Senacsa.

Mercado externo

Consultado respecto a cómo afectará la comercialización de carne vacuna de nuestro país a sus principales mercados internacionales, respondió que se está analizando el impacto real. “Solamente el mercado ruso es el que ha tomado la decisión (de suspender la importación de carne). Nosotros, a partir de próximo miércoles estaremos trabajando en ese tema. Vamos a hacer una comunicación a los distintos mercados o, por lo menos, a los mercados más importantes, y vamos a evaluar previamente con el equipo que está trabajando en este tema el alcance de la comunicación que queremos realizar el próximo miércoles”, puntualizó.

Afecta imagen del país, dicen

Korni Pauls, vicepresidente de la Cámara Paraguaya de Carnes, reconoció que la detección de contrabando de carne por parte del frigorífico Concepción afecta la imagen país, por lo que se están tomando los recaudos necesarios. La sanción impuesta por el mercado ruso por el ingreso ilegal de carne brasileña a nuestro país afecta a todos los frigoríficos por añadidura y de manera considerable a la imagen comercial de Paraguay, según sostuvo el empresario. Pero al menos “se actuó rápidamente y en el momento preciso”, añadió.

Prohíben temporalmente importación de carne

15 de mayo de 2018 A raíz del escándalo del ingreso de carne brasileña de contrabando al Frigorífico Concepción, la Aduana dispuso la prohibición de la importación de carne en todo el territorio paraguayo.

“El ingreso de carne al país está restringido a raíz de este acontecimiento. No se está autorizando el ingreso de carne” ni de Brasil ni de ningún otro país, dijo a ABC Cardinal Édgar Villalba, jefe del Departamento Técnico Aduanero de Vigilancia Especializada (Detave).

Además, se han reforzado los controles en los puestos aduaneros, en especial en Pedro Juan Caballero y Ciudad del Este, por temor al ingreso de pollo del Brasil, que recientemente tuvo inconvenientes para comercializar este producto y temen que sea destinado al mercado paraguayo.

El caso de la carne que el Frigorífico Concepción introdujo de contrabando motivó la separación del cargo de todos los funcionarios de Aduanas de Pedro Juan Caballero, que facilitaron el ilícito.

Lea más: Carne: Senacsa denuncia falsificación de documentos

Villalba sostuvo que todos los camiones que ingresaron por Pedro Juan contaban con sus respectivos despachos de importación, pero al hacer un cruce de información con Senacsa se comprobó que los permisos eran irregulares, ya que se apoyaban en documentación falsificada.

Vicepresidente de ARP vaticina graves consecuencias por caso de carne ilegal

16/05/18 El impacto económico del caso contrabando de carne podría ser enorme, porque afecta a todos los sectores de la cadena, sostuvo ayer el ganadero Manuel Riera, directivo de la ARP.

La dimensión y el impacto económico del escándalo del contrabando de carne brasileña protagonizado por Frigorífico Concepción aún está por determinarse, respondió ayer a este diario el vicepresidente de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), Dr. Manuel Riera.

“Es muy grave, porque pone en riesgo el esfuerzo compartido de todos los productores del país y, en alguna medida, importante, de toda la cadena de valor de la carne”, expresó, explicando que “el volumen anual exportado por Frigorífico Concepción a Rusia supera el 50% del total de su producción o capacidad exportable”, lo que a su vez indica la importancia que tiene esta compañía a nivel de las exportaciones generales del sector cárnico del país.

De todas formas, según Riera, “no es momento de aumentar la sensación de temor que produce la suspensión de las actividades comerciales de una empresa” que faenaba 420.000 cabezas por año (2.000 animales por día) y exportaba 80.000 toneladas de carne al año, facturando más de US\$ 350 millones por la exportación y venta local, incluyendo los subproductos de la carne.

Desde cualquier punto de vista, el impacto económico podría ser enorme, porque afecta a todos los sectores de la cadena de valor de la carne, el caso también impactará negativamente sobre el ingreso de divisas, sobre el sistema financiero y la Bolsa de Valores, sobre los precios del ganado (que ya cayeron más de US\$ 0,30 por kilo), y afectará más de 2.000 empleos directos, cuya consecuencia se sentirá principalmente en el área de influencia de la planta (Concepción), según Riera.

Otros varios efectos

Añadió que evidentemente también afectará los ingresos tributarios, servicios sociales (IPS), al transporte de ganado en pie y de carne exportada, así como a proveedores de la industria.



“Entendemos que el Senacsa y el Ministerio Público hicieron lo correcto; el primero garantizando la salud sanitaria del país y el prestigio de la carne paraguaya, y el segundo investigando la transgresión a las normas penales, buscando establecer si hubo contrabando, producción de documentos no auténticos, etc. No hacemos juicio de valor sobre la calidad de la carne del vecino país, solo condenamos que haya ingresado sin control de autoridad sanitaria. Los socios de la ARP exigen que se actúe con el mayor rigor que las leyes permitan, porque no podemos consentir tanta irresponsabilidad y ambición a costa de los productores y del buen concepto del país en el rubro de exportación de carne”, enfatizó. También dijo que ahora la justicia tiene la última palabra y que a partir de esto se deben fortalecer los controles sanitarios y aduaneros, y sobre todo conseguir que las personas respeten las leyes. Riera opinó que los directivos de Frigorífico Concepción deben comprender la gravedad del caso y rectificar su manera de actuar, generando confianza en la gente, porque de otra manera el daño podría ser mayor.

UNIÓN EUROPEA

Comisión Europea planteó recortar subsidios agrícolas

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador. Mayo 11, 2018 Previsible y dura oposición de Francia

La Comisión Europea planteó recortar los subsidios agrícolas lo que generó la previsible y dura oposición de Francia. La propuesta forma parte de un nuevo tipo de presupuesto que seguramente generará enfrentamientos entre los países miembros del bloque sobre cómo compensar el agujero de financiación que dejará la salida del Reino Unido en 2019.

Según la propuesta, los subsidios para los productores agropecuarios del bloque entre 2021-2027 se ubicarían en 365.000 millones de euros, equivalente a aproximadamente US\$ 438 millones., in un descenso de 5% respecto al monto manejado actualmente. De esta manera, los subsidios agrícolas representarían algo menos del 30% del total del presupuesto cuando hace 20 años concentraba más del 45%.

El comisario europeo de Agricultura, Phil Hogan, dijo que con la salida del Reino Unido y la “exigencia” de financiar nuevas prioridades, el presupuesto se reduce en un “modesto” 5%. El gobierno de Francia –país que es el mayor beneficiario de las ayudas agrícolas- dijo que el planteo es inaceptable.

Comisionado Hogan preside misión a CHINA

15/05/2015 Phil Hogan, Commissioner for Agriculture and Rural Development, is continuing his series of business offensives to promote EU food and drink products with a trip to Shanghai, China, from 14-17 May. Commissioner Hogan said: "China is a key trading partner for the EU agri-food sector. There is strong and growing demand among China's increasing consumer class for our high quality food and drink products, and by meeting directly with our Chinese counterparts, we can build the business and political relationships required to accelerate this growth. The EU is the global leader in free and fair trade, and we will continue to vigorously pursue increased trade with our global partners for our mutual benefit." The commissioner will be accompanied by a business delegation of 70 representatives from across the European agri-food sector, representing national associations or businesses from 22 different countries, as well as a number of EU-wide associations. As with the Commissioner's recent visits to Canada, Iran, Saudi Arabia, the aim of the visit is to facilitate potential business agreements between European and Chinese agri-food sector companies. China is the second largest importer of EU agricultural and processed agricultural products, accounting for 8.7% of all EU agricultural exports in 2016, and European food and drink products are becoming increasingly popular with China's emerging middle class in particular. To underline this growing importance, the EU has been chosen as the region of honour at the SIAL China in Shanghai, Asia's largest food exhibition. Commissioner Hogan will officially open the exhibition on 16 May. A full programme of activities is organised for the business delegation, including seminars on the characteristics of the local market and consumer trends, retail visits, networking opportunities and a visit to SIAL. (

Promueven el modelo de producción de la industria cárnica europea en CHINA

17/05/2018 De la mano de la UECBV junto a Bélgica, Dinamarca, Irlanda y Países Bajos La Unión Europea de Ganadería y Carne (UECBV) y representantes de la industria cárnica de cuatro Estados Miembros (Bélgica, Dinamarca, Irlanda y los Países Bajos) han organizado un Foro de la Carne en Shanghai. Estos cuatro Estados miembros están llevando a cabo una campaña de información en China sobre la carne de vacuno y porcino de la UE, cofinanciada por los europeos de promoción. El objetivo del foro fue destacar el excelente modelo implementado y aplicado por la UE y los Estados miembros a fin de garantizar un alto nivel de calidad y seguridad para la carne de bovino y porcino.



El modelo de la UE ha sido descrito y explicado por ponentes como el comisario europeo Phil Hogan y el ministro de Agricultura irlandés, M. Creed, mientras que los representantes de la industria cárnica de la UE han subrayado la aplicación de ese modelo en sus respectivos Estados miembros.

Este evento "es un excelente ejemplo de cómo nos gusta que nuestra política de promoción de la UE funcione. Uno de los principales objetivos de la política de promoción es alentar a los beneficiarios a trabajar juntos y buscar sinergias", subrayó Hogan. El ministro irlandés por su parte añadió: "Nuestra presencia aquí hoy, como miembros de la Unión Europea, junto con miembros de la Asociación China de la Carne, es un testimonio del poder de la acción colectiva y la colaboración".

El evento tuvo como objetivo consolidar la cuota de mercado de la carne de cerdo de la UE en China. La UE ya es el primer proveedor con 1,4 millones de toneladas en 2017, por un valor de más de 2.000 millones de euros. La exportación de carne de cerdo de la UE a China contribuye en gran medida a la balanza comercial positiva de la UE para productos agrícolas y alimentos.

Otro objetivo del evento fue establecer una asociación sostenible con China para el sector de la carne de vacuno. En la actualidad, se han aprobado dos Estados miembros para la exportación de carne de vacuno a China: Hungría y, más recientemente, Irlanda. Pronto, otros Estados miembros, como Francia y los Países Bajos, demostrarán las capacidades de la industria de la carne de vacuno de la UE para cumplir las expectativas de China.

Hoy en día, este mercado está dominado por productores latinoamericanos, australianos y neozelandeses, pero existen grandes oportunidades para la carne de vacuno de la UE, teniendo en cuenta el alto potencial de crecimiento de la demanda de carne en China (el aumento se estima en 1,4 millones de toneladas por año).

El trabajo no se detendrá en este evento sino que la Comisión de la UE, en asociación con los Estados miembros y la industria alimentaria, continuará creando conciencia y comprensión a través de una serie de iniciativas, como visitas políticas en ambas direcciones al más alto nivel (se espera una cumbre China / UE antes del verano), compromiso técnico entre funcionarios, seminarios, visitas de estudio a la UE, interacción con servicios veterinarios, agencias de seguridad alimentaria y autoridades. Todas estas iniciativas proporcionarán seguridad en los estándares de seguridad alimentaria.

La industria cárnica de la UE, junto con los representantes empresariales chinos que asisten al Meat Forum en el marco de la Asociación China de la Carne (CMA), han puesto en marcha una asociación a largo plazo basada en la seguridad alimentaria, la salud animal y los sistemas de trazabilidad de la UE.

El Meat Forum concluyó con una ceremonia de degustación en la que los representantes empresariales chinos pudieron disfrutar de carne de res y cerdo de la UE.

Esperan que se amplíe el número de países miembros habilitados para proveer carne bovina

AFP•May 18, 2018 China could soon allow imports of beef from France, Germany and the Netherlands, which had been under embargo since 2001, the EU agriculture commissioner said Friday in Beijing.

China had banned imports of European and then US beef due to cases of bovine spongiform encephalopathy (BSE), or "mad cow disease"

The European Union has been working for years to ensure its meat is safe.

France reached a deal to lift the embargo on its beef during a visit to China by President Emmanuel Macron in January, with restrictions to be eased within six months.

China recently opened its market to beef from Ireland, the first EU country to benefit.

"I expect that more member states, particularly France, the Netherlands and Germany will be high on the list in China to open those markets," EU agriculture commissioner Phil Hogan said Friday during a visit to China.

Health checks and verification were being carried out by the Chinese to finalise the lifting of the embargo.

"There is no specific commitment given in relation to a date," Hogan said.

"But I'm very confident, based on the conversations I've had, and on the knowledge of the technical work that is done, that those member states certainly can expect to see some movement in the near future," he said. Beijing also resumed imports of US beef in June 2017 after a 14-year embargo.

China's appetite for beef has risen over the past decade with an increase in living standards.

Brazil, Uruguay, Australia and New Zealand are currently the main suppliers of beef to China, accounting for almost 90 percent of its imports in 2016.

EU exports of agricultural products to China have doubled over the last five years from 6 to 12 billion euros (\$7 to 14 billion).

Tres plantas irlandesas de vacuno obtienen acceso al mercado chino

16/05/2018 Tres plantas de carne de vacuno irlandesas y una planta de porcino han obtenido acceso al mercado chino, según se ha confirmado durante una misión comercial a China dirigida por el ministro de Agricultura, Alimentación y Marina, Michael Creed quien se reunió con su homólogo chino, Han Changfu, y con el ministro de una nueva agencia, la Administración Reguladora del Mercado Estatal, Zhang Mao.



"Se trata del comercio, pero también se trata de profundizar nuestra relación con el mercado chino", dijo Creed en una conferencia de prensa en la Embajada de Irlanda. "Es una oportunidad emocionante, el mercado es enorme".

El ministro dijo que no podía revelar qué plantas habían sido aprobadas, ya que el protocolo exigía que las autoridades chinas lo hicieran. Las firmas que esperan aprobación son Kepak Clonee, Kildare Chilling, Liffey Meats, Dawn Meats en Cork y ABP Food Group en Nenagh, Co Tipperary.

Si bien reconocen que el mercado está dominado por productores latinoamericanos, australianos y neozelandeses, y que las plantas irlandesas de carne de vacuno son las recién llegadas, Creed dijo que había grandes oportunidades allí.

La directora ejecutiva de Bord Bia, Tara McCarthy, dijo que la agencia estaba reclutando para expandir el mercado chino y que estaba buscando oportunidades como el comercio on line debido a que la mayoría de la carne que se vende en línea en China es carne de res.

China es importante para IRLANDA considerando el BREXIT

15 May 2018 IFA President Joe Healy has travelled to China this week as part of a Ministerial trade mission, following the opening of the Chinese market for Irish beef last month. He is joined by Livestock Chairman Angus Woods and Pigs Chairman Tom Hogan.

Mr Healy said, "With over half of our beef exports currently going to the UK, and Brexit looming large, it has never been more important to diversify and develop our markets and, in that context, China represents a huge opportunity. Securing a breakthrough on market access for Irish beef in April this year was a welcome development and positive news for the sector."

Mr Healy said it is encouraging that Agriculture Minister Michael Creed and EU Agriculture Commissioner Phil Hogan are leading these high level trade missions organised around the SIAL Fair in Shanghai China to promote Irish and European food and agriculture.

"China consumes one-quarter of the world's meat supply, and imported 700,000 tonnes of beef in 2017. There is enormous potential for further rapid growth in consumer demand for beef, with consumption expected to double by 2020, driven by increasing urbanisation and rising incomes."

Mr Healy said he would be using the trip as an opportunity to highlight the commitment of Irish farmers to producing high quality food to the highest standards, "The Irish agri-food industry has had considerable success in maximising the Chinese market for dairy, positioning Irish produce as a premium product. We hope to see this success replicated for beef."

The value of Irish food and drink exports to mainland China and Hong Kong has more than doubled since 2013, and reached €907m last year.

"To capture a substantial market share in the Chinese beef market, it is very important that eligibility is secured for all Irish beef products and not just frozen boneless beef. It is essential that the market opportunity is not restrictive and the protocol is developed to allow beef products from all Irish livestock."

Mr Healy said, "The Chinese market has become an important market for Irish pigmeat product over the last number of years with exports to China growing to almost €100m in 2017. The opportunity exists to grow this further and to take advantage of the recent Chinese decision to impose tariffs on pork originating in the US."

In addition, dairy exports to China reached €666m in 2017, with infant formula being the major export product. 13 per cent of all infant formula sold in China in 2017 was Irish.

ESTADOS UNIDOS

USDA modificó la proyección sobre producción de carne bovina en 2018

11 May 2018 Beef: USDA made some notable adjustments to its forecasts for 2018 beef production. Gone is the expected 10 per cent jump in Q2 beef production that was presented in the April report. Now USDA is forecasting Q2 production to be up 5.4 per cent compared to the previous year. Some of this reflects the slower pace of slaughter in April.

Production growth in Q3 was revised from 4.3 per cent to 2.9 per cent while Q4 was revised down from 5.1 per cent to 4.9 per cent. For the year USDA now is forecasting beef production to be 27.278 billion pounds, some 424 million pounds less than the forecast presented a month ago. This volume represents a 3.9 per cent increase from year ago levels.

Only minor adjustments were made to import/export forecasts so the change in per capita consumption is largely driven by the downward revision in production forecasts. Currently USDA is forecasting 2018 per capita consumption on a retail basis to be 58.1 pounds per person, 1.5 less than in last month's forecast but still 2.1 per cent higher than a year ago.

Beef production in 2019 is expected to increase a rather modest 1.8 per cent compared to 2018 levels while per capita consumption next year is forecast at 58.8 pounds per person, up 1.2 per cent.



Dificultades en la demanda de carnes

17 May 2018 US - At the consumer level, beef demand is notoriously difficult to measure, as are shifts in that relationship, according to Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

One of the difficulties is consumers are all different, and data on what they actually eat are very limited. Another difficulty is the quality of data available regarding the actual price paid by consumers, long-time readers of this newsletter will recognize that fact. Further, beef and pork are not exactly what people consume; they eat meals. A hamburger based meal is much different than steak.

Consumption is only one part of the two components of beef demand. Demand is price and quantity, together. Or, how much someone consumes, or purchases, at a given price. When beef price increases, people normally buy less. Economists call this changing quantity demanded. The demand relationship itself can shift up or down based on changes in incomes, tastes and preferences, the price of pork, etc. Increased demand results when there is a positive shift in the demand relationship.

Incorporating several factors including estimated per capita consumption, inflation-adjusted retail beef price, along with economic assumptions, a long-term measure of beef demand can be calculated. One way to summarize beef demand is to develop an index. Here we use 1990 as the baseline year (index value of 100). Some major economic assumptions are made with this approach. (For our readers that care, if any, the major economic simplification is to assume a fixed elasticity.)

Importantly, there are major issues in how the data are collected and then "adapted/aggregated" by the USDA's Economic Research Service. Still, this approach provides some useful things to consider IF viewed as a very broad paintbrush of the sector and not something that can be fine-tuned or dissected down to a percentage or two, and certainly not decimal points.

These indexes should be evaluated annually, or with even more caution for a given quarter compared to that of prior years. Comparisons month-over-month are the least dependable/useable. For additional discussion of these indexes, see the concise article (written in 2010) by Dr Glynn Tonsor at Kansas State University available here.

If US consumer demand has shifted positively, the index value increases. Red meat demand increases are most obvious when consumers buy more per person and also pay more for an item. The most recent dramatic examples of that situation tend to be periods of strong economic growth coupled with the surging popularity of high protein diets.

Both beef and pork demand eroded (shifted negatively) and then bottomed-out during the depths of the recession (2010). The effect of the economic environment is clear, just look back to the first quarter of 2010 when the beef index value was 74 versus 92 in 2016, a 24 per cent improvement. See the graphics below. If consumer demand was at 2010's level, retail beef and hence cattle prices would be much lower than they are today.

As measured by the indexes, at the consumer level, beef and pork demand diverged in the first quarter of this year. Beef slightly improved year-over-year, while pork slipped. That is worth pondering, but do not jump to dramatic conclusions, yet. Given the data on retail prices and other issues, the beef demand index has been essentially stable the last four years. However, relative to beef the four-year negative shift calculated for pork is more concerning.

AUSTRALIA

Existencias de bovinos en feed lots superan el millón de cabezas

16 May 2018

Dry conditions in eastern Australia during the first quarter of 2018 have resulted in the number of cattle on feed surpassing one million head for only the fourth time on record.

Cattle on feed at the end of March 2018 increased 52,506 head (or 5%) from the December 2017 quarter, to 1.03 million head - 12% above the five-year average. Deteriorating conditions throughout January, February and March in many cattle producing regions resulted in more stock being moved to feedlots.

State changes in the numbers on feed from the previous quarter:

- NSW increase 1%, to 321,000 head
- QLD increased 8%, to 561,500 head
- Victoria declined 2%, to 64,000 head
- SA increased 51%, to 31,500 head
- WA declined 6%, to 47,000 head.

While saleyard prices for feeder cattle have continued to fall, prices for finished cattle have remained reasonably firm so far in 2018, helping to offset the continued rise for feed grain prices. There are also growing concerns for the upcoming winter cropping season, with no decent rainfall on the horizon.

Fuerte crecimiento en los embarques hacia el SE de Asia

16 May 2018



Key points

South East Asia (SEA) recorded the strongest percentage growth across all of Australia's beef export markets in Q1, 2018

Increasing demand and a limited domestic supply has underpinned this growth

As a region, SEA has emerged as the EU's third largest beef export market

Boasting more than 600 million people and one of the world's fastest growing economic regions, SEA is an increasingly attractive beef market with strong growth potential.

The rise of middle class consumers has been a key growth driver for beef consumption in the region. SEA's beef imports have increased at an average annual growth rate of 7% over the past five years. SEA has become the third largest beef import market in Asia, after China and Japan, with roughly 513,000 tonnes swt of product entering the region in 2017.

Increased competition from the EU

SEA has emerged as the EU's third largest beef export market (external EU trade), after Hong Kong and Bosnia & Herzegovina, mostly underpinned by the increased demand from the Philippines. In 2017, Filipino beef imports from the EU more than doubled to a record 26,000 tonnes swt. Strong EU competition is expected to continue following the re-entry of UK beef to the Philippines in late 2017. While a highly price-sensitive market, the Philippines remains an attractive destination for beef exports alongside the other key markets in SEA, partly attributed to a burgeoning fast food sector.

US beef exports to the region also increased strongly, up 86% to 28,000 tonnes swt. Indian buffalo meat exports maintained a stable growth (at 6%, or 240,000 tonnes swt). On the other hand, imports from Brazil and New Zealand declined sharply by 16% (38,000 tonnes swt) and 8% (27,000 tonnes swt) respectively.

Australian beef exports to SEA

Low Australian supply and increased competition in the region resulted in a 7% decline in Australian beef exports to SEA in 2017, to 111,000 tonnes swt. Strong competition from Indian buffalo meat in Indonesia and imported beef from Brazil, US, and EU in Singapore affected Australian exports to these two markets in particular. Meanwhile, exports to other SEA markets such as Malaysia, the Philippines, Thailand and Vietnam remain steady.

Despite the rising competition, Australian beef exports to the region increased significantly in the first quarter of the year, supported by a recovery in local production. Growing at 51%, first quarter Australian exports to SEA (28,000 tonnes swt) grew at a faster rate than Japan (2%), Korea (8%) and China (27%).

VARIOS

CHILE apunta a una reconversión de su sector vacuno

11/05/2018 El sector vacuno está pasando a ser uno de los sectores más tenidos en cuenta por el Ministerio de Agricultura chileno tras el estancamiento en la producción de carne. Durante los 2 primeros meses del año se ha reducido en un 0,3% y apenas si suma 32.603 t.

El censo, según el ministro chileno, Antonio Walker, está en sus niveles más bajos ante la reconversión de la ganadería y el envío de animales vivos fuera del país para sacrificio junto a los precios más bajos de la carne importada. "No vemos que la masa vaya a aumentar con estos factores, sino que podría tener una leve disminución. Hoy tenemos entre 2,7 millones y 2,9 millones de cabezas, que es un nivel bajísimo", aseguró en declaraciones recogidas por el diario El Mercurio.

Walker manifestó que el mercado requiere más transparencia y está evaluando introducir cambios a la norma de tipificación con que se regula la carne en Chile, en la medida que los gremios acuerden qué hacer con la normativa. "Por ejemplo, tenemos que estar seguros de que la carne importada tipo V tenga la misma calidad que la carne nacional tipo V. Si bien el SAG ha tenido un rol importante, no hemos tenido la capacidad de fiscalizar en origen que eso se cumpla", sostuvo.

Otro problema es la reconversión de campos de paso en frutales, señala Carlos González, presidente de Fedecarne: "hay muchos campos ligados a la ganadería que se convirtieron en frutícolas, sobre todo en cerezos, arándanos y manzanos. El productor ganadero está buscando actividades más rentables".

Agregó que, en el ganado bovino, en la década del ochenta había una masa de 4,8 millones de cabezas y hoy es de 2,7 millones de cabezas. "Si no logramos aumentar nuestra masa ganadera vía tecnología, genética y condiciones crediticias con tasas preferenciales a 30 años, vemos un nubarrón muy oscuro en el futuro", señaló.

NUEVA ZELANDA – Reto ante una mayor competencia por parte de Estados Unidos

Rabobank 18 May 2018 The likely forced slaughter of US cattle due to drought is set to pressure global beef trade and prices, posing a threat to New Zealand beef returns, a visiting North American cattle industry expert has warned local producers.



Rabobank's US senior animal protein analyst Don Close, who has been in New Zealand this week for a series of presentations, said forced herd liquidation in the United States – along with the risk of recessionary pressures in the US economy – would directly impact New Zealand producers.

"The US is both the dominant export destination for New Zealand beef, as well as a fierce competitor with New Zealand in other export markets, including Japan and South Korea," he said. "In addition, the United States and New Zealand, along with Australia, will potentially be fighting it out for market share in China in the future."

Too many cattle

Mr Close – who is based in St Louis, Missouri – said the US beef herd had staged an aggressive rebuild in recent years, with the majority of stock located in parts of the country under severe drought stress.

"After bottoming out at 28.7 million cows in 2014, there has been aggressive herd rebuilding and the US beef herd is now sitting at around 31.7 million head. And I estimate this cycle will peak somewhere between 32 million and 32.5 million head," he said.

"However, currently 70 per cent of our US beef herd are residing in areas of extreme drought. While we still have a window of opportunity for rain, the likelihood we will see some level of forced liquidation before the end of the US summer is very high. If we see cow slaughter rates increase because of forced liquidation, there is a very real risk that there will be too many cattle for the system."

Currently, beef cow slaughter rates are up 10.5 per cent above year ago levels, but this could rise to between 12 and 15 per cent, he said. Compounding the number of beef cattle on the market is the liquidation of dairy cows, with the poor economic returns for US dairy farmers.

Mr Close said with US production of beef – and also pork – up by five per cent, there was "a tonne of protein coming at us" in the US, but also globally.

"New Zealand is going to have to work harder to find a home for their product in the US," he said. "Already we have seen New Zealand and Australia's share of total US beef market fall from between 12 and 14 per cent, down to four per cent, because the US is generating more of its own beef."

Reducing the incentive to buy New Zealand product, he said, this was creating vulnerability for New Zealand's beef exports into the US, but also in key export markets.

"In 2017, the US exported 11.06 per cent of their beef production, a 'monster number' as beef exports have never been above 10 per cent, and we have broken through the glass ceiling that was limiting exports," he said.

"With total US protein now at levels we can't consume all at home, the US dependency on exports is becoming increasingly important."

And this will have a significant impact on New Zealand as an export-oriented producer, he said, with New Zealand exporting around 80 per cent of its production.

Recessionary pressures

While the US was currently enjoying its second-longest period of economic expansion in history (at 108 months), Mr Close said, the market would likely be "stress-tested" by recessionary pressures in the near future.

"I have very serious doubts that we will reach the all-time record of 120 months, as we are starting to see the yield curve flatten out close to parity or even discount, with virtually full employment creating inflation," he said. "So within the next year or 18 months, the likelihood of US recessionary pressure is very high."

Mr Close said this recessionary risk, together with increasing gasoline prices, was likely to impact US consumers' discretionary income, and their demand for beef – particularly more premium cuts – at a time when US beef production was on the rise.

Positive longer-term outlook

Despite the headwinds facing US and global beef markets, Mr Close remained bullish about the longer-term outlook for global beef, saying he had never in his 45-year career "seen the global marketplace as exciting and ready for change".

"While there will be downward pressure on beef prices this year, the global beef market remains dynamic, with increased activity in trade and changing suppliers as global demand for beef continues to expand," he said.

"The overall direction will be driven by the increasing demand for animal protein. And we are talking about the 300 million in China's emerging middle class, but also South-East Asia and southern Africa – where the opportunities are incredible.

"We are also seeing rapid changes in consumer demand, and the insatiable demand for convenience. Rarely a day goes by without a new development in home delivery or meal kits."

Responsible for analysing the beef and animal protein sectors for Rabobank in the United States, Mr Close's wealth of experience spans high profile roles at Texas Cattle Feeders Association, AzTx Cattle in Hereford, Future Beef Operations and Pioneer Hi-Bred International.

Rabobank New Zealand animal proteins analyst Blake Holgate said while New Zealand manufacturing beef going into North America would be put under pressure by increased US cow kill and production, prime



cuts exports would be sheltered to a certain degree by demand in the higher-value Asian markets, particularly China.

"Almost half (47 per cent) of New Zealand's beef exports (191,000 tonnes) went to the United States in 2017 – primarily in the form of manufacturing beef. China, New Zealand's second largest, export market accounted for 21 per cent of total beef exports," he said.

Beef + Lamb NZ lanzó una nueva estrategia de cuidado de medio ambiente

16 May 2018 - A new blueprint to lift the environmental performance of New Zealand's sheep and beef sector was unveiled today by Beef + Lamb New Zealand (B+LNZ).

The Environment Strategy lays out a progressive long-term vision for the sector based around four priority areas - healthy productive soils, thriving biodiversity, reducing carbon emissions and cleaner water.

As part of the plan, B+LNZ has identified two key goals - every sheep and beef farm having a tailored and active environment plan by the end of 2021, and the sheep and beef sector as a whole moving towards net carbon neutrality by 2050 .

Over the next three years, B+LNZ will roll out a range of environmental initiatives to support sheep and beef farmers.

This includes establishing a Collaborative Catchment Communities programme to help communities work together to target water quality, greenhouse gas emissions, biodiversity, and soil health issues.

The organisation will also invest in developing a new generation farm plan that encapsulates these four priorities, develop new tools and technology, provide support and advice and undertake research.

"As a sector we have an opportunity for our sheep and beef farmers to be world-leading stewards of the natural environment and sustainable communities," says Sam McIvor, chief executive of B+LNZ.

"Sheep and beef farmers have made meaningful improvements to their environmental performance and lowering emissions and they deserve credit for these gains.

"However, farmers know there is more to be done – not just extending the good work already underway – but also taking new and different approaches.

"This includes adopting new management techniques that better connect actions to the environmental outcomes and more on-farm monitoring and measuring that gives farmers confidence their actions are reaping benefits.

"We also need to allow the wider community to better understand the contributions farmers are making.

"This strategy has been developed in partnership with sheep and beef farmers.

"This blueprint is about supporting sheep and beef farmers to manage their properties to improve freshwater, helping them to continue to reduce emissions and provide habitats that support biodiversity and protect our native species.

"We will also be working hard to ensure land use is closely matched to soil potential and capability. That will mean soil health, carbon content and productivity will improve while minimising soil erosion and loss to water ways.

"We will equip our farmers with the knowledge, and tools to best manage their resources and make changes as required."

B+LNZ will also use funding from the Ministry for the Environment's Freshwater Improvement Fund to work with farmers in four priority catchments to scale up individual actions.

Andrew Morrison, chair of B+LNZ, says since the 1990s, the sheep and beef sector has made major productivity and eco-efficiency gains and is now producing more from less.

"We've reduced Sheep numbers from 57.9 million to 27.6 million and beef cattle numbers have declined 23 per cent.

"Absolute greenhouse gas emissions from sheep and beef farms are 30 per cent below 1990 levels while the sector's contribution to GDP has doubled to \$5 billion.

"GHG emissions per kilogram of saleable product have dropped by 40 per cent and nitrate leaching per kilogram of saleable product has declined by 21 per cent.

"New Zealanders are concerned about the declining natural environment and there is no question our climate is changing.

"It's a concern shared by farmers.

"Consumers are expecting more, and disruptive technologies are challenging our existing systems and processes.

"But every challenge brings an opportunity and this Environment Strategy aims to turn today's challenges into tomorrow's opportunities.

"Agriculture is inextricably linked to the natural environment, which means how we farm today will directly affect what's left for tomorrow.

"Our sheep and beef farmers fully understand this and are determined to be part of the solution."



EMPRESARIAS

JBS aumentan sus ganancias en el primer trimestre

Fonte: Valor Econômico. 15/05/18 - por Equipe BeefPoint

Impulsionada pelo desempenho das operações de carne bovina nos EUA, a JBS registrou lucro líquido de R\$ 506,5 milhões no primeiro trimestre, um crescimento de 43,5% em relação aos R\$ 353 milhões reportados em igual intervalo do ano passado. Financeiramente, a companhia também dissipou ontem um dos motivos de receio dos investidores ao anunciar que chegou a um acordo com os bancos no Brasil para rolar dívidas por três anos.

No primeiro trimestre, a JBS voltou a reduzir o índice de alavancagem (relação entre dívida líquida e Ebitda em doze meses), de 3,38 vezes para 3,24 vezes. Na companhia, a expectativa é que essa tendência de queda perdure ao longo do ano. Na área financeira, um dado negativo foi o fluxo de caixa, que ficou negativo em R\$ 109 milhões, reflexo principalmente do aumento dos ativos biológicos nos EUA para dar conta da maior demanda no verão.

Operacionalmente, mais uma vez o ciclo positivo da pecuária nos Estados Unidos beneficiou a JBS. No mercado americano, a companhia é beneficiada por maior oferta e demanda aquecida – o país está em pleno emprego. E, no caso da JBS, ter a conjuntura favorável para o negócio de carne bovina nos EUA costuma significar bom desempenho. A JBS USA Beef (que contempla também o negócio nos Canadá e na Austrália) representa 40% das vendas. No primeiro trimestre, essa divisão registrou uma margem Ebitda de 6%, ante apenas 3,7% um ano atrás. Nos negócios de carne de frango (Pilgrim's Pride) e carne suína nos EUA, a companhia também registrou melhores resultados, com margens de dois dígitos.

Como um todo, a receita líquida da JBS totalizou R\$ 39,8 bilhões, alta de 5,8% na comparação anual. O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) ajustado totalizou R\$ 2,8 bilhões, avanço de 30%. Com isso, a margem Ebitda ajustada da JBS cresceu 1,3 ponto percentual, passando de 5,7%, no primeiro trimestre de 2017, para 7%.

No Brasil, a JBS registrou melhoras na Seara. No primeiro trimestre, a divisão (que reúne os negócios de aves, suínos e alimentos processados) teve um Ebitda de R\$ 330 milhões, incremento de 53% na comparação anual. A margem Ebitda cresceu três pontos, atingindo 8,3%.

Em contrapartida, a receita com as vendas da Seara caiu 2,7%, para R\$ 3,9 bilhões. De acordo com a JBS, esse é um reflexo da sobreoferta de carne de frango no país. No primeiro trimestre, o preço do frango vendido pela companhia diminuiu 9%. O segmento é afetado, principalmente, pelo embargo da União Europeia à BRF, a principal empresa do setor.

Neste segundo trimestre, a oferta da frango segue prejudicando a Seara, assim como o aumento dos preços dos grãos – insumo da ração.

Foi também no Brasil que a JBS registrou o pior desempenho de uma de suas frentes de negócio: a carne bovina. Nos primeiro trimestre, as operações de carne bovina no Brasil geraram um Ebitda negativo 1,6%. Apesar de negativo, a avaliação na companhia é que o pior passou e que a rentabilidade vai gradualmente melhorar. A divisão de carne bovina no Brasil foi a mais afetada pela delação dos Batista, mas já retomou o nível dos abates.

Marfrig registrou un primer trimestre atípico – Adquisición de Keystone

Fonte: Valor Econômico. 15/05/18 - por Equipe BeefPoint "Atípico". Assim o presidente-executivo da Marfrig Global Foods, Martín Secco, descreveu ontem o primeiro trimestre da empresa, que fechou o período com um prejuízo líquido de R\$ 201 milhões. Em entrevista ao Valor, o executivo sustentou que o "mais importante" não foi o resultado em si, embora a companhia tenha reduzido seu prejuízo em 9,2%.

De fato, os investidores da Marfrig na bolsa estão mais interessados nos desdobramentos da venda da subsidiária americana Keystone e na conclusão da aquisição do National Beef, que transformará a empresa brasileira na segunda maior produtora de carne bovina do mundo. As duas transações foram anunciadas em abril e deverão ser efetivadas até junho, reiterou o vice-presidente de finanças da Marfrig, Eduardo Miron.

Combinados, os dois negócios deverão fazer da Marfrig uma empresa estruturalmente rentável, com dívida menor e geração de lucro. Nesse sentido, o prejuízo do primeiro trimestre é menos importante, reforçou Miron. Segundo ele, a venda da Keystone fará com que a empresa brasileira deixe os problemas com "alto custo financeiro" no passado.

Confiante na venda da Keystone, a Marfrig já retirou os números da empresa do resultado – a subsidiária aparece no balanço como uma "operação descontinuada". Considerando apenas o negócio de carne bovina – a operação continuada -, a Marfrig obteve receita líquida de R\$ 2,9 bilhões, avanço de 44,1%.

O aumento das vendas é resultado de um agressivo movimento de ampliação da capacidade de abates no Brasil no ano passado, com a reabertura de cinco frigoríficos. No primeiro trimestre, os abates de bovinos nos frigoríficos da Marfrig aumentaram 42%, a 887 mil cabeças. Por outro lado, a rentabilidade do negócio de carne bovina piorou. Nos três primeiros meses do ano, a margem Ebitda ajustada caiu 0,7



ponto percentual, para 6,5%. Segundo Martín Secco, a piora reflete as dificuldades do mercado brasileiro. Em razão dos problemas da indústria de carne de frango – líder no setor, a BRF foi proibida de exportar para a União Europeia -, os preços da carne bovina no Brasil também caíram, pressionados pela proteína concorrente. Do lado dos custos, o preço do gado ficou estável no trimestre, mas isso já era esperado, argumentou o CEO.

De acordo com Secco, a oferta de frango ainda prejudicou o desempenho no segundo trimestre, mas aos poucos a situação está melhorando. Além disso, a Marfrig quer aumentar a participação das exportações de carne bovina para se beneficiar da apreciação do dólar. Atualmente, o mercado externo representa 45,3% da receita da companhia.

Financeiramente, a Marfrig ratificou o objetivo de reduzir o índice de alavancagem (relação entre dívida líquida e Ebitda em doze meses) para 2,5 vezes até o fim do ano. Em 31 de março, o índice pro forma (que inclui a National Beef) ficou em 3,62 vezes. O índice deve cair para menos de 2 vezes após a venda da Keystone.

Fonte: ESTADÃO CONTEÚDO 15 de maio de 2018 - Quantia será usada para a aquisição de 51% das ações da National Beef Packing

A Marfrig vai contratar financiamento de até US\$ 900 milhões no âmbito da operação para comprar 51% das ações National Beef Packing Company. O conselho de administração aprovou a contratação pela NBM US Holdings do contrato de financiamento a ser desembolsado em tranches a cada solicitação de desembolso, a ser celebrado entre a NBM, Coöperatieve Rabobank U.A., New York Branch, a Keystone Foods Global Holdings Limited e a Marfrig. A companhia e a Keystone vão prestar garantia.

No último dia 8 de abril, a Marfrig anunciou acordo para a compra de 51% das ações da americana National Beef por US\$ 969 milhões. Fundada em 1992, a National Beef desde 2011 é controlada pela holding de investimentos americana Leucadia.

O grupo tem capacidade de abate de 12.000 cabeças de gado ao dia e é sediado em Kansas City, no Estado do Missouri. É proprietário de duas unidades de processamento em Dodge City Liberal, no Estado do Kansas, que respondem por 13% da capacidade de abate do mercado americano.

Depois da conclusão da operação, a Leucadia vai transferir o controle acionário para a Marfrig e se manterá como acionista minoritária da empresa, com uma fatia de 31% do capital total.

Tesco lanzó carne “vegetal” en 400 de sus sucursales del REINO UNIDO

14/05/18 - por Equipe BeefPoint A Tesco está lançando um bife à base de vegetais em 400 das suas lojas do Reino Unido a partir de 21 de maio, em uma tentativa de atrair clientes veganos e flexitarianos.

O bife 100% vegetal está sendo produzido pela empresa holandesa Vivera, especializada em componentes de refeições vegetarianas desde 1990. A empresa espera produzir vários milhões de peças este ano e atualmente produz um milhão de produtos de reposição de carne por semana. Apenas ingredientes à base de plantas, como trigo e soja, são usados na produção.

Em junho, várias grandes redes de supermercados venderão o produto na Holanda. A partir do segundo semestre deste ano, a Vivera planeja vender o bife em outros países da Europa, começando pelos mercados alemão, francês e italiano.

A Vivera, que visa estabelecer um portfólio de produtos 100% baseados em plantas antes de 2019, possui um portfólio de mais de 40 diferentes alternativas à carne, derivadas de trigo, soja, ervilha, milho, arroz e vegetais. Sua gama já está disponível em 23 países europeus e 25.000 supermercados.

A empresa abriu recentemente a mais avançada instalação de produção de tofu na Europa, sob o nome de Dutch Tofu Company, que abastece um número crescente de supermercados na Europa.

“Um grande grupo de vegetarianos, veganos e flexitarianos tem estado muito interessado nesse produto há anos”, disse Gert Jan Gombert, gerente comercial (sócio) da Vivera. “Com o avanço de sua introdução no mercado e produção em larga escala, um grande grupo de consumidores pode desfrutar deste produto à base de plantas muito saboroso.

“O cheiro, o gosto e a textura dificilmente podem ser distinguidos do bife verdadeiro e estamos convencidos de que este produto atenderá uma grande necessidade dos consumidores.”

Minerva enfrenta embargo de IRAN

16/05/18 - por Equipe BeefPoint Quinto maior importador de carne bovina do Brasil, o Irã suspendeu as compras de carne bovina da Minerva Foods. A decisão iraniana, que entrou em vigor no último dia 10 de maio, terá validade de um mês. A Minerva é a terceira principal produtora e exportadora de carne do Brasil.

Em documento, a certificadora Halal Iran informou na semana passada que a Minerva infringiu regras do abate halal. A produção de carne para os países muçulmanos deve ser feita segundo os preceitos islâmicos – halal significa “permitido”. Procurada, a Minerva não respondeu. “Houve uma divergência de



procedimento”, afirmou uma fonte a par do assunto, sem detalhar qual teria sido o descumprimento no abate apontado.

Conforme dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) disponíveis no site da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), o Irã gastou US\$ 92,7 milhões para importar 21,8 mil toneladas de carne bovina do Brasil. O volume importado pelo Irã representa cerca de 4,5% das exportações nacionais. Ontem, as ações da Minerva caíram 0,85% na B3, a R\$ 7,04.

Grupo Marfrig recebeu a clientes asiáticos em la Marfrig Beef Night en China

18/05/2018 - Entre varios temas comerciales y económicos, Martín Secco, CEO de Marfrig para el mundo, dijo que “es descabellado” e “innecesario” el proceso brasileño para dejar de vacunar contra la fiebre aftosa.

La compañía brasileña Marfrig Foods, que cuenta con cuatro plantas frigoríficas en Uruguay, realizó la Marfrig Beef Night en las instalaciones del Hotel Hyatt en Shanghai, en el marco de una nueva edición de la feria de alimentos SIAL China, la más destacada para el complejo cárnico sudamericano.

El CEO de Negocios de Marfrig, Martín Secco, explicó a Rurales El País que el mercado de los países asiáticos representa más del 50% de la comercialización total de carne de la empresa. “Es muy importante tener un contacto más próximo con los clientes y nos pareció una buena idea mechar este encuentro en un día de la feria para tener este encuentro”, explicó.

Entre varios temas comerciales, como la posición de Brasil en los mercados internacionales, los cambios económicos de la región, los altos precios de la hacienda en Uruguay; Martín Secco se refirió a los planes de Brasil de erradicar la vacuna contra la fiebre aftosa. “No conozco el plan porque no lo quiero conocer. Me parece una locura asumir riesgos de este tipo en un mundo que habilita, con la seriedad del caso, poder exportar a todas partes del mundo con vacunación”.

El empresario entiende que será un proyecto que no creó que se lleve adelante, pero dijo que las personas “tenemos muy mala memoria” y “sabemos todo lo que han sufrido los países de la región con los eventos de la aftosa”. Reiteró que la estrategia de Brasil “es descabellada”, y más cuando “se conquista un mercado y tenes algo seguro, no hay que inventar riesgos innecesarios”.

Frigol incrementó sus embarques a CHINA gracias a las inversiones realizadas

18/05/18 - por Equipe BeefPoint O Frigol, quarto maior frigorífico do Brasil, tem exportado recentemente cerca de 2 mil toneladas de carne bovina à China por mês, sete vezes acima da média mensal registrada em todo o ano de 2017, refletindo a maturação de investimentos e a maior demanda no país asiático.

Na mesma base de comparação, o faturamento da empresa com essas vendas aumentou para 9,5 milhões de dólares por mês, de 1,2 milhão de dólares obtidos mensalmente em 2017, disse à Reuters o CEO, Luciano Pascon, há três anos no cargo.

O Frigol opera quatro unidades de bovinos nos Estados de São Paulo, Goiás e Pará, mas apenas a de Lençóis Paulista (SP) está, desde 2016, apta a exportar carne bovina à China.

Trata-se de um mercado que responde por mais de 50 por cento de todas as vendas externas da empresa, as quais atingem 60 países em todos os continentes.

“Investimos 10 milhões de reais em Lençóis Paulista no último um ano e meio, em infraestrutura, com um túnel de congelamento, mais câmaras de estocagem e melhoria de processos e controles”, destacou Pascon.

“Nossa estratégia está funcionando muito bem, como demonstra esse consistente aumento das exportações.”

A planta de Lençóis Paulista abate atualmente em torno de 14 mil animais e produz 2,7 mil toneladas de carne desossada por mês. Além desta, o Frigol também trabalha para que a unidade de Água Azul do Norte (PA) receba o sinal verde da China para exportação.

O gigante asiático é um mercado ainda com pouca abertura à carne bovina brasileira, com apenas 16 plantas autorizadas a exportar para lá, segundo o Frigol.

O Ministério da Agricultura vem trabalhando para ampliar o mercado. Na terça-feira, a pasta informou que uma missão técnica chinesa virá ao Brasil inspecionar até 84 estabelecimentos que poderiam ser habilitados posteriormente a vender carne à China.

Nos últimos anos, mudanças de hábitos alimentares têm elevado o consumo de carne na China, e as exportações do Brasil, maior exportador global, refletem isso.

Os embarques nacionais de carne bovina in natura à nação asiática saíram de quase zero em 2014 para 211 mil toneladas em 2017 e já somam quase 70 mil toneladas até março de 2018, segundo dados do governo.